

# Comunicação, Conhecimento e Compreensão<sup>1</sup>

Dimas A. Künsch<sup>2</sup>  
Faculdade Cásper Líbero

## Resumo

O artigo discute a necessidade de os estudos e práticas de comunicação ampliarem o seu foco de interesse e abrangência, de modo a investigar também o campo fértil, e às vezes muito promissor, da incomunicação. O argumento a favor de um pensamento não só complexo, mas também compreensivo, reforça a proposta de recuperação de sentidos mais humanos e positivos para a comunicação, acentuando a importância da dialogia e da criação de vínculos entre pessoas e grupos. A incomunicação gera distanciamento, estranhamento e, no limite, o ódio, a violência e a guerra. Descobrir e promover uma ética da compreensão no muito amplo e diversificado campo das teorias e práticas comunicacionais pode ajudar a (re)colocar o tema da comunicação sob a ótica de uma práxis transformadora.

**Palavras-chave:** Teorias da comunicação; Pensamento comunicacional; Epistemologia da comunicação.

## Bagdá, outubro de 2002

Uma exceção se deixa perceber nas páginas das três maiores revistas semanais brasileiras de informação para o período de doze meses, de 11 de setembro de 2002 – portanto, um ano após o atentado ao *World Trade Center* – a 11 de setembro do ano seguinte, na soma de tudo o que esses veículos publicaram sobre o Iraque e, extensivamente, sobre o “Eixo do Mal” ou “luta contra o terrorismo”, na expressão, nada inocente, do governo dos Estados Unidos da América. Foram ao todo 244 reportagens, aproximadamente 676 páginas de texto e imagens, sendo que a parte mais expressiva da cobertura teve por objeto a guerra contra o país de Saddam Hussein, nos meses de março e abril de 2003.

Em “Iraque, um país sitiado: população vive há 11 anos cotidiano de embargo econômico e agora enfrenta nova ameaça de guerra”, reportagem de três páginas publicada por *IstoÉ*, edição de 23 de outubro de 2002, o signo guerreiro

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP Teorias da Comunicação, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – INTERCOM 2006 (Brasília, 6 a 9 de setembro de 2006).

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela USP, professor de pós-graduação na Faculdade Cásper Líbero e pesquisador. É autor, entre outros, de *Maus pensamentos: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística* (São Paulo: Annablume/ Fapesp, 2000).

da explicação, comum na maior parte dos textos, cede a vez para o passeio da repórter Beatriz Costa Barbosa pelos caminhos da compreensão. As ruas de Bagdá incorporam na matéria alguns dos sentidos mais fortes do melhor que a reportagem, historicamente, sempre tentou oferecer em termos de apuração, observação e vivência dos sentidos humanos dos acontecimentos da atualidade.

Nesses tempos de vacas magras do jornalismo de reportagem, sobretudo internacional, o olhar brasileiro capta amorosamente o flagrante da rua. Vai ao mercado de Al Mutanaby, onde “centenas de pessoas circulam em corredores apertados, disputando espaço com vendedores de livros, comida, roupas e sapatos”, e onde, “no meio de muito barulho e de um calor de 44 graus à sombra, os pôsteres da Seleção Brasileira pentacampeã saltam aos olhos”.

Os iraquianos não ignoram as reais possibilidades de um ataque maciço ordenado por George W. Bush, mas não mudam sua rotina. (...) Na Rua Al Rasheed, as crianças brincam até o sol se pôr, quando a temperatura fica mais amena, cai para 38 graus, e uma nuvem de poeira do deserto cobre Bagdá. O comércio só fecha à meia-noite, e os restaurantes oferecem excelentes refeições por US\$ 2. As peças de teatro em exibição na cidade estão lotadas.

Nas ruas, bares, mercados e cafés da capital iraquiana, distante das fontes do poder, Barbosa ouve sonhos e ilusões de gente ordinária, acostumada a sobreviver como consegue sob o embargo econômico de que é vítima e com uma guerra que não acaba nunca, comprando velas e se prevenindo para um novo ataque, imaginando o impossível. Metade dos 24 milhões de iraquianos tem menos de 16 anos e não conhece outra realidade que a guerra. O embargo sacrifica os empobrecidos, a mortalidade infantil explode, a farmácia fecha a porta. “O isolamento político e econômico do Iraque fez o país parar no tempo”, interpreta a repórter, e, para ela, “passear pela capital é como entrar num filme dos anos 80”. “Tudo parece ultrapassado, das latas de refrigerantes aos modelos de televisores e automóveis. O Passat brasileiro, importado pelo país até 1988, é o carro que mais circula em Bagdá.” O “passeio pela capital” toca levemente o território misterioso do sonho e da identidade cultural, no fechamento da matéria:

Depois de duas guerras nos últimos 20 anos e de mais de uma década de sanções, as necessidades do Iraque são enormes. Talvez a maior delas seja ensinar sua população a viver em paz. Há um ditado que diz que quem nasceu e morreu em Bagdá nunca saiu do paraíso. Os iraquianos parecem acreditar nisso, mesmo se o céu da capital estiver coalhado de caças vindos do Ocidente.

A exceção, no caso, parece mesmo apenas confirmar a regra: nas páginas coloridas e graficamente bem apresentadas das três semanais brasileiras – e não só delas –, predominam os sentidos perversamente destinados a atualizar o antigo ditado que diz: *si vis pacem, para bellum*, se queres a paz, prepara-te para a guerra. Bela a guerra (Dorneles, 2002), com seu jogo maravilhoso e espetacular de luzes e cores, cirurgicamente precisa e asséptica, pós-moderna, nela, hoje como ontem, nada há de menos pavoroso a dizer sobre o inimigo a não ser que ele merece ser combatido, derrotado, destruído. O outro, esse estranho, árabe muçulmano, não ocidental, mesmo quando não exatamente tão diabólico e monstruoso como só Saddam, os filhos dele e os membros de seu governo conseguem ser, é, no mínimo, extremamente esquisito.<sup>3</sup>

### **Bagdá, março de 2003**

Na viagem de avião de São Paulo a Londres, em 16 de março de 2003, depois para Tel Aviv e Amã, para chegar a Bagdá às 10 horas da noite do dia 19 de março, horas antes do ultimato dado a Saddam Hussein pelos Estados Unidos de Bush, os repórteres Sérgio Dávila e Juca Varella, únicos jornalistas brasileiros a estar no Iraque durante a guerra, vão conversando sobre como fazer a diferença no meio de cerca de 2 mil jornalistas do mundo inteiro, presentes na capital iraquiana nos dias que antecedem o início dos bombardeios, divulgando informações as mais diversas sobre armamentos, estratégias militares, quem era quem de um lado e do outro do conflito, as “pombas” e os “falcões” do governo Bush etc. Mas faltava um detalhe, importante: o povo iraquiano, o dia-a-dia da população. Daí nasceria a idéia de o “Diário de Bagdá”, seção diária publicada pela *Folha de S.Paulo* durante as três semanas de guerra.

Em *O diário de Bagdá: a Guerra do Iraque segundo os bombardeados*, o livro que reúne histórias desse olhar brasileiro e diferenciado da guerra, há espaço para Hassan Ali, um anônimo, anti-herói da resistência num cenário de dor e de

---

<sup>3</sup> Ver sobre o assunto **O Eixo da Incompreensão**: a guerra contra o Iraque nas revistas semanais brasileiras de informação, tese de doutorado defendida pelo autor na USP em 2004. A pesquisa identifica outros casos, esporádicos, de reportagens humanas, que não chegam no entanto a atingir o nível de importância ou a densidade desta que está sendo citada. Trata-se, no conjunto, de mini-histórias que não conseguem dinamitar o tecido rochoso da explicação dogmática, a favor ou mesmo contra a ideologia do combate ao terrorismo, a noção de Eixo do Mal e, por fim, a guerra de fato. Por exemplo, para ficarmos na cobertura da guerra propriamente dita, as histórias dos primeiros combatentes estadunidenses presos e apresentados pela TV árabe Al-Jazira; a história, falsa, da soldado Jessica Lynch e a de Ismael Abgas, 12 anos, iraquiano que perdeu a família e os braços quando um míssil atingiu no meio da noite a casa miserável que habitava. De resto, essas histórias, nada inéditas, freqüentaram com maior ou menor intensidade toda a mídia ocidental.

desespero. Vendedor de bananas, abobrinhas, laranjas e outras frutas e legumes, Ali abre sua quitanda colorida também nos dias em que a chuva de bombas transforma Bagdá numa espécie de sucursal pós-moderna do inferno. Pois a vida continua, não é? Vendia bananas antes da guerra e vai continuar vendendo bananas durante e depois da guerra, ele diz (Dávila, 2003:44). A sensibilidade humana do repórter capta com vivo encanto a força do sentido do instante, e mais uma história jornalística tem ali seu início. Contada de forma sutil e complexa, tece informações, comportamentos e valores de gente comum, restabelecendo, pela via da história miúda, tão universal e tão antiga quanto o mundo, a ordem desejável e possível no caos inimaginável da dor e da morte. Refaz-se o mapa da tragédia dos bombardeados no fértil território da parte menos ou quase nada coberta pela imprensa internacional. A história do vendedor de bananas, porém, acaba por dizer e significar mais sobre a guerra que a guerra inteira de informações desconexas, de argumentos raivosamente pró ou contra, de imagens iluminadas por potentes holofotes de apavorante rotina. Diz, significa, seduz. Cria vínculos humanos. Comunica.

A narrativa que seduz e vincula, gerando por isso compreensão e comunicação no nível mais profundo do humano, se faz uma ilustre ausente na cobertura de guerra das semanais brasileiras, que seguem nesse ponto a trilha batida pelos seus pares da imprensa semanal e diária mundo afora, com raras e felizes exceções que nem de longe ditam as regras no conjunto da cobertura ordinária. Nas páginas multicoloridas dessas revistas, em que o texto escrito se faz acompanhar de uma profusão de fotos e infográficos de última geração, o leitor é desafiado, antes de tudo, a empunhar o fuzil e a entrar também ele na guerra, às vezes nem importa o lado: “Veja, eu coloco a guerra bem aí, à sua frente, e o que você está esperando para vestir o uniforme e se transformar em soldado? Escolha o lado e comece a disparar”.

Bomba neles.

### **Comunicação e incomunicação**

Onde a comunicação perdeu a comunicação, no cotidiano como no caso extremo da guerra? É possível, pelo menos, imaginar a possibilidade de recuperar para a teoria e a prática da comunicação o significado original – não único – do termo que evoca a idéia de partilha, participação e comunhão, ainda que tendo

para isso que abrir espaço e avançar, por certo com dificuldade, pelo meio de referenciais de análise que privilegiam a informação e se movem prioritariamente no território em certo sentido cômodo de noções e conceitos como emissores e receptores, meios e mensagens, tecnologias antigas e novas, efeitos, consumo etc. (cf. Lima, 2001:19-51)?

Que desvantagem grande ou pequena pode haver no cultivo da utopia – esse não-lugar possível – de um pensamento sobre a comunicação que, sem ignorar o brilho e a força da “velha” e, sobretudo, “nova mídia”, se debruce, com coragem, rigor e método sobre a “comunicação *stricto sensu*”, na expressão de Lima, quando se leva especialmente em conta que, como ele diz, é de “perplexidade e desalento” o confronto com o universo teórico que de múltiplas maneiras tenta definir o que, mesmo, se entende por comunicação e qual é mesmo, o seu objeto (Lima, 2001:19)?

Onde uma teoria da comunicação – para voltar ao caso no início lembrado da cobertura jornalística da guerra contra o Iraque –, escapando ao jogo da racionalização simplificadora do acontecimento humano, pode se fazer parceira de sonhos e esperanças de compreensão e de paz, da negociação de conflitos, da responsabilidade comum pela preservação do planeta, da compreensão humana, da superação da violência? Onde uma teoria da comunicação, mesmo sem a intenção de ditar qualquer última palavra ou de transformar a teoria em dogma, e mesmo possivelmente nadando contra a corrente, pode ser capaz de se opor à realidade da incomunicação, que, como assinala Baitello, costuma andar de mãos dadas e crescer junto com a comunicação, sua irmã-gêmea?

Quanto mais se aperfeiçoam os recursos, as técnicas e as possibilidades que o homem tem de se comunicar com o mundo, com os outros homens e consigo mesmo, aumentam também, em idêntica proporção, as suas incapacidades, suas lacunas, seu boicote, seus entraves ao mesmo processo, ampliando um território tão antigo quanto esquecido, o território da incomunicação humana. Assim, andam de mãos dadas e crescem juntas, como irmãs-gêmeas, a comunicação e a incomunicação. E, como não poderia deixar de ser, uma concorre com a outra pelo espaço vital de manifestação (Baitello, 2005: 9).

O autor sublinha que não se deve ignorar ou menosprezar a irmã menos amada dessa dupla, porque, “quanto mais esquecida, mais danosos serão seus atos”. Ele prossegue:

E quanto mais ressaltamos e nos orgulhamos dos bons serviços e das qualidades da comunicação, mais a incomunicação ganha força e ousadia, provocando estragos, desfazendo e desmontando, distorcendo e

deformando, semeando discórdia e gerando falsas expectativas, invertendo sinais e valores, azedando as relações e produzindo estranhamentos incômodos (Baitello, 2005:9).

A incomunicação cresce, pois, e se amplia com renovado vigor exatamente nos tempos e espaços onde crescem e se ampliam as oportunidades de informação e comunicação, mediante o uso de novas e cada vez mais poderosas tecnologias., com toda a carga de fascínio com que esses processos são capazes de seduzir nos dias de hoje pessoas e instituições dos quatro cantos do planeta. Paradoxal, a idéia no entanto não é nova, ganhando talvez apenas em escala. Lá onde comunicação se aproxima às vezes demasiadamente da informação, há muito que se faz notar a sensação muito concreta de que quanto mais informação, menos informadas as pessoas se sentem (Leandro e Medina, 1973; Serva, 2001). Destituída de suas virtualidades de criação de redes compreensivas em tempos de muitas redes e poucos nexos, a comunicação, tal qual o conhecimento construído na base de parcelas dispersas de saber (cf. Morin 2001:16), fragmenta e mutila, não comunica. Não cria “vínculos”, para usar uma expressão muito cara a Baitello, principalmente quando essa fragmentação, para além da questão da hipertrofia entediante da informação, resulta de uma visão de mundo de tipo racionalizante – e não racional –, ligada à idéia não complexa de que o mundo está aí para ser explicado, simplesmente. Objetivamente, e só.

Não são infelizmente raros os exemplos de uma comunicação afogada em certezas e em inteiras cordilheiras de informação, que, no entanto, produzem ou acentuam os traços de incomunicação e incompreensão humana. O exemplo da guerra dita pós-moderna e o comportamento ordinário da mídia de um lado e outro da trincheira é um deles. O desconhecimento e desrespeito mútuos na relação Ocidente-Oriente se mostraram novamente com força no caso recente das charges publicadas pelo jornal dinamarquês XXX, no início de 2006 (???), tendo como tema o islamismo e seu fundador. A repercussão mundial dos fatos e os acontecimentos que, qual bola de neve, foram se avolumando ao redor do assunto trouxeram mais uma vez à tona o trágico balanço da incomunicação que muito facilmente leva as pessoas e a humanidade ao exercício cruel da incompreensão, do ódio e da violência. Num outro contexto, e muito próximo, o pânico e o desespero causados pelos ataques do crime organizado do PCC, o Primeiro Comando da Capital, na metrópole paulista, na primeira quinzena de maio de 2006, deixaram igualmente patentes as lacunas e fragilidades de veículos de

comunicação altamente capazes de ir atrás de informações e de difundir-las, mas muito pouco afetos à tarefa de aprofundar e costurar essas informações fragmentadas num conjunto de sentidos geradores de compreensão. De novo, à sociedade em pânico é oferecida, em doses nada homeopáticas, a receita da violência para combater a violência, corroborando a concepção de que a incomunicação, com assustadora frequência, vira sinônimo de barbárie.

### **Pensamento complexo-compreensivo**

A proposta, nesta altura, é a de refletir sobre possíveis desdobramentos da idéia de comunicação, como antes referida, em interface com uma visão de produção de conhecimento que integra não apenas a noção de complexidade, já mais ou menos consolidada no ambiente acadêmico, mas também essa outra noção, menos recorrente, de compreensão. Quando aqui se fala de noção, e não de conceito, quer-se ressaltar a necessidade do exercício da complexidade e da compreensão – pela via do diálogo e da negociação de sentidos – por parte do próprio pensamento que, opondo-se ao racionalismo, ao reducionismo e ao determinismo que demarcam hegemonicamente o campo do que se convencionou chamar de pensamento moderno, aponta para a necessidade da opção pelo pensamento da complexidade e da compreensão. Autocrítico, o pensamento complexo-compreensivo, ao apontar para o lado onde identifica muito sérias lacunas na tarefa humana do conhecimento, não consegue não olhar para si mesmo com o sentimento da busca e da própria ignorância.<sup>4</sup>

O pensamento complexo, na linha de quanto é proposto por um de seus principais teóricos, Edgar Morin, lembrando o significado etimológico latino de *complexus*, é o que tece e entretece em conjunto, unindo o que a tradição moderna do conhecimento racionalista-científico fez absoluta questão de separar. Promove espaços de interação fecunda e de (re)negociação de sentidos entre ciências e humanidades, propõe e não impõe: é mais talvez e menos portanto. O rigor argumentativo de uma razão fecunda – razão iluminada e iluminadora, diferente da razão arrogantemente arrebatadora e excludente das Luzes – não dispensa o calor e da ternura de um pensamento igualmente lábil, de tons e de meios tons,

---

<sup>4</sup> Apóio-me, na rápida reflexão sobre as noções de complexidade e de compreensão, em texto de minha autoria publicado na revista **Communicare** (vol. 5, nº 1, 1º semestre 2005, pp. 43-54, “Compreendo, ergo sum”. Para uma visão mais completa, ver Künsch, 2000, sobretudo o primeiro capítulo, pp. 27-87, e Künsch, 2004, o primeiro e o segundo capítulos, pp. 15-116.

nos lugares onde o veredicto acachapante da lógica cartesiana vê o preto ou o branco, o certo ou o errado, o bem ou o mal, o primitivo ou o avançado (Maffesoli, 1995 e 1998; Restrepo, 1998).

Democrático em sua proposta, o pensamento complexo exercita a audição e se fortalece na convivência conflitante com o contraditório e o antagônico, com o desequilíbrio. O mundo e a vida não são lógicos, nem as idéias conseguem ser “mui claras e distintas”, como pretendia Descartes. “Existir não é lógico” (Cecília Meireles). Negociador de sentidos e aprendiz do diálogo com o diferente, o pensamento complexo, por natureza, é mais de procurar que de encontrar respostas. Sabe que as grandes questões humanas não se resolvem nem se acalmam no âmbito feliz da ciência positivista, que a ciência não dispensa a consciência e a poesia, nem o saber a sabedoria. Um pensamento mais de noção que de conceito, intuitivo-sintético mais que analítico, multidisciplinar mais que disciplinar, que não abdica da razão, sem menosprezar no entanto a realidade e os significados, conhecidos e desconhecidos, da não-racionalidade. Um pensamento que, avesso à arrogância, sabe que a irracionalidade tanto pode frequentar o território humano da não-racionalidade (da arte, da religião, do mito, das emoções e paixões), quanto os corredores e salas dos edifícios iluminados onde se presta um incessante culto à deusa Razão. Um pensamento que se faz e refaz no diálogo entre os diferentes, o real e o irreal, o lógico e o não-lógico, a certeza e a contemplação do mistério:

A verdadeira racionalidade, aberta por natureza, dialoga com o real que lhe resiste. Opera o ir e vir incessante entre a instância lógica e a instância empírica; é o fruto do debate argumentado das idéias, e não a propriedade de um sistema de idéias. O racionalismo que ignora os seres, a subjetividade, a afetividade e a vida, é irracional. (...) A verdadeira racionalidade conhece os limites da lógica, do determinismo e do mecanicismo; sabe que a mente humana não poderia ser onisciente, que a realidade comporta o mistério. Negocia com a racionalidade, o obscuro, o irracionalizável. É não só crítica, mas autocrítica. Reconhece-se a verdadeira racionalidade pela capacidade de identificar suas insuficiências (Morin, 2000:23).

Um pensamento sério, sim, sem ser raivoso. Um pensamento que, sem apelar para o relativismo, prefere, como canta Raul Seixas, “ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”. Um pensamento não violento e não guerreiro, no máximo aguerrido. Um pensamento compreensivo. Compreender, de *comprehendere*, por seu lado, evoca originalmente a idéia de abranger, juntar, abraçar. É compreensivo, nesse sentido,

um pensamento que repele o reducionismo e não se faz estranho ao texto e ao contexto, ao território e aos acidentes geográficos em todo ato humano de conhecimento. Mais próximo ao geral que da parcelização, põe entretanto em diálogo o uno e o múltiplo, as partes e o todo, o singular e o plural, Apolo e Dioniso, razão e emoção, a subjetividade e a objetividade, lembrando, assim, o quanto propõe a própria epistemologia da complexidade, sua parceira. É compreensivo – abrangente, plural – e, de fato, como resultado, intelectualmente falando, também mais compreensível, uma vez que, vista a questão pelo seu lado oposto, um pensamento reducionista é ao mesmo tempo mutilador das virtualidades humanas de entendimento e de compreensão.

Mas existe entretanto uma segunda e igualmente importante dimensão a ser levada em conta no discurso sobre a compreensão, que é a sua dimensão humana intersubjetiva. Sob esse ângulo, a compreensão reforça a dialogia, a não-arrogância e a não-violência, esses sentimentos e práticas inscritos numa epistemologia que não se contenta em se dizer e praticar complexa: quer ser, também, intelectual e humanamente compreensiva. A compreensão humana “comporta um conhecimento de sujeito a sujeito” e “inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção”. Intersubjetiva, “a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade” (Morin,2000:94-95). A ética da compreensão que daqui brota “pede que se argumente, que se refute em vez de excomungar e anatematizar”. E oferece a garantia de que, “se soubermos compreender antes de condenar, estaremos no caminho da humanização das relações humanas” (Morin, 2000:99-100). Prossegue o autor:

Se descobrirmos que somos todos seres fráveis, frágeis, insuficientes, carentes, então poderemos descobrir que todos necessitamos de mútua compreensão. O auto-exame crítico permite que nos descentremos em relação a nós mesmos e, por conseguinte, que reconheçamos e julguemos nosso egocentrismo. Permite que não assumamos a posição de juiz de todas as coisas (Morin, 2000:100).<sup>5</sup>

Associada ao ato ora feliz e ora trágico do conhecimento, sempre empenhativo, a ética e epistemologia da compreensão ultrapassam de longe o patamar vez e outra fútil dos bons propósitos e das boas intenções, para se constituir numa dimensão fundante desse mesmo ato do conhecimento. A idéia é a

---

<sup>5</sup> O autor coloca o dedo na ferida da incompreensão: “O mundo dos intelectuais, escritores ou universitários, que deveria ser mais compreensivo, é o mais gangrenado sob o efeito da hipertrofia do ego, nutrido pela necessidade de consagração e de glória” (Morin, 2000:97).

seguinte: o gesto humano e humanizador da compreensão resulta, objetivamente, em maior conhecimento. A compreensão não constitui simples e tão-somente um sentimento ou virtude edificantes. A compreensão, como aqui se pretende argumentar, faz conhecer. Ela produz conhecimento sobre as pessoas, a sociedade e a natureza, assumindo desse modo, legitimamente, o estatuto de uma verdadeira episteme. Assim, mais bem e profundamente conhece quem se faz compreensivamente a caminho.

É nesse ganho em compreensão, tanto sob o ponto de vista da produção do conhecimento quanto da humanização das relações entre as pessoas, que se revela como uma epistemologia complexo-compreensiva é simultaneamente pragmática, num mundo, este nosso, tão ávido de respostas para as grandes questões que levanta quanto carente de ternura, de amor e de solidariedade. Eis, pois, o lugar onde a crítica, indo de encontro ao pensamento de tipo mecânico e redutor, se anuncia companheira das buscas por uma práxis inovadora. Não parece ser novidade alguma o fato de que os ganhos humanos das últimas décadas em áreas tão distintas como a ecologia, os direitos humanos, a igualdade feminina, o pensamento holístico, o cultivo do lazer e outros, para citar alguns exemplos, resultam não apenas da razão e da lógica, mas também, numa medida difícil de medir e avaliar, da consciência, da virtude e da compreensão. Só mesmo um pensamento reducionista arrogante é capaz de imaginar que a força de um argumento lógico, claro e distinto, possa ou deva por isso mesmo ser imposto à força, sem diálogo, sem compreensão – o que recorda a triste imagem de um presidente militar que prometia pancadas e prisão para os adversários da democracia que a oposição à Ditadura tanto reclamava. Ou essa outra imagem, mais recente e com algumas centenas de milhares de mortos nas costas, do presidente dos Estados Unidos da América, George W. Bush, tentando convencer o mundo de que a democracia devia ser imposta ao Iraque à força.

Convém de novo ressaltar que, não violenta e guerreira, uma epistemologia complexo-compreensiva não deve por essa sua característica ser confundida com uma espécie de pacto relativista com o tanto-faz e o faz-de-conta. A renúncia à falsa segurança que o dogma racionalista e objetivizante oferece, bem como à suposta posse suprema e definitiva da verdade, não é sinônimo de abandono à utopia e à esperança, aos sentidos transformadores, aos milhares de pequenas, médias e grandes revoluções possíveis, a começar pela revolução da

própria noção de revolução. Propositiva, pragmaticamente comprometida com uma ética que faz da defesa do ser humano, da vida e do mundo, a mais importante de suas escolhas, a epistemologia complexo-compreensiva recoloca em primeiro plano a idéia, por renovada que possa ser, da política e da transformação social. Com espírito desarmado, não deve de fato ser difícil imaginar a incidência humana, social e política de um pensamento que se propõe dialógico, compreensivo, que cria vínculos, que comunica – sem renunciar ao rigor. No mais, a história humana revela-se odiosamente abarrotada de horríveis exemplos de incompreensão e incomunicação que levam ao extermínio do outro, à dizimação do diferente, da cultura e do território alheio – nesse outro incluído não apenas o culturalmente diferente, mas também, e muito especificamente, o empobrecido, dominado, excluído.

A racionalização trai o que há de melhor no humano cultivado da razão. Qual Arquimedes que dizia necessitar apenas de uma alavanca e de um ponto de apoio para mover a Terra, a grande tradição do pensamento moderno, tendo como ponto firme de apoio as idéias filosófico-científicas de Descartes (o pai do racionalismo moderno) e Newton (o pai da física), fez da racionalização da razão humana a super-alavanca destinada a movimentar o amplo edifício do conhecimento visto e vendido como unicamente legítimo. O verdadeiro conhecimento é, e só pode ser, na visão de Descartes, de natureza intelectual. Há regras precisas para fugir ao erro e alcançar a certeza no universo da *res cogitans* (Chauí, 2003:128). Uma espécie de “teologia religiosa” emoldura o quadro das preocupações cartesianas com o conhecimento verdadeiro, num momento histórico em que a epistemologia desbanca a ontologia. Erro intelectual e pecado se equivalem (cf. Penna, 2000:17-19). No conjunto das idéias cartesianas, a dúvida metódica e o descarte de toda e qualquer superstição, vistos sob o olhar da complexidade e da compreensão, levantam as mais sérias dúvidas. É difícil se desfazer da sensação de que o inquisidor se deixa possuir pelos próprios demônios semeadores da superstição, como no caso de pessoas seqüestradas que acabam se apaixonando pelos seqüestradores, ou de pretensos gigantes da moralidade que são apaixonados pela idéia de praticar o vício e se entregar às paixões.

Desconfiando das aparências, procurando a verdade “nas costas dos objetos” e, assim, perdendo de vista “a expressividade do face a face das pessoas e das coisas”, afirma Santos, o paradigma de conhecimento daí resultante,

pretendendo-se “rigoroso, antiliterário, sem imagens nem metáforas, analogias ou outras figuras de retórica”, acaba correndo o risco de se tornar, “mesmo quando falha em sua pretensão, um discurso desencantado, triste e sem imaginação, incomensurável com os discursos normais que circulam na sociedade” (Santos, 1989:34-35). Em “crise de degenerescência”, na expressão de Santos, esse modelo hegemônico de conhecimento necessita, com urgência, de uma “nova configuração”, como resultado de uma reforma do pensamento que, segundo Morin, é de caráter “paradigmático”, não simplesmente “programático” (Morin, 2001:96). A idéia da complexidade é, segundo esse autor, a melhor resposta à crise por que passa o pensamento moderno. É a condição para a cura da cegueira da inteligência, do reducionismo e da parcelização. É a condição para a construção de um conhecimento pertinente, que a época atual exige e propõe.

### **Avenida Paulista, São Paulo**

É possível, mesmo no âmbito da chamada comunicação de massa – muito embora o conceito não esteja isento de crítica, hoje mais do que nunca –, conceber a idéia de comunicação como o estabelecimento de vínculos entre as pessoas, de compreensão humana, de produção de uma narrativa de tipo cósmico no meio do caos e da desordem de todo tipo?

É.

Não dualista, mais uma vez, o pensamento complexo-compreensivo, aplicado aos esforços teóricos de estudo da comunicação, não vê de um lado o certo e do outro o errado, nem admite a não-existência de uma alternativa possível ao pensamento bipolar que vê aqui os integrados e, ali, os apocalípticos (Umberto Eco). Apoiando-se no melhor que a inteligência humana parece ter produzido no território da comunicação dialógica, como de uma sociologia, antropologia ou filosofia compreensivas, ou, ainda, de uma epistemologia aberta às virtualidades da razão e das sensibilidades humanas, o pensamento complexo e compreensivo sabe que existem e se interessa por mostrar aqueles momentos felizes da comunicação em que a alma humana se encontra consigo mesma, se compreende e compreende o mundo, cria vínculos, se orienta – sem se sentir senhora absoluta da verdade ou da palavra última sobre os acontecimentos, ou livre de desafios e conflitos que o viver sempre de novo traz para as pessoas, os grupos e as sociedades.

Numa segunda-feira em que o deus Pan, horroroso, elege para o seu passeio as ruas da selva da metrópole paulistana, no dia 15 de maio de 2006, a imprensa escrita e eletrônica, em geral, parecia ter sido tomada de improviso pela confusão que a mítica divindade costuma provocar nos pensamentos e emoções das pessoas. O caos se propaga, a cidade se apavora: o PCC está atacando! Na noite daquela segunda-feira de horror, numa cidade que passaria dias e semanas tentando se dar conta das dimensões reais e possíveis dos acontecimentos, o Jornal da Globo, num raro momento de inspiração compreensiva no meio de uma saraivada de informações assustadoras, exhibe reportagem direto da Avenida Paulista. Em menos de 1 minuto, o texto costurador da comunicação vinculadora:

Tempos extraordinários. Quinze graus na Avenida Paulista. A desordem atravessou nossa vida. A Paulista parou antes da hora, fomos obrigados a mudar o nosso ritmo. Sair mais cedo não adiantou o nosso dia. Fomos obrigados a mudar os planos da nossa vida. Todas as lojas, todos os cinemas, os restaurantes..., tudo está fechado. A vida está suspensa. Prendemos nossa respiração diante de tanto espanto. A Avenida Paulista não é mais do povo. A Avenida do nosso orgulho, das nossas manifestações de cidadania, das comemorações da nossa alegria, hoje, está muda. Perdemos nosso palco. Perdemos nosso espaço, onde podíamos mostrar, sem medo, os nossos sentimentos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAITELLO Jr., Norval, CONTRERA, Malena S. e MENEZES, José E. de (orgs.). **Os meios da incomunicação**. São Paulo, Annablume/CISC, 2005.

BAITELLO Jr., Norval. **A era da iconofagia**: ensaios de comunicação e cultura. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

BARROS, Diana L. P. de e FIORIN, José Luiz (orgs.) **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**: em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1994.

BUBBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo, Perspectiva, 1982.

BUBBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2004.

BURKE, Peter. “Desafios de uma história polifônica”. *Folha de S.Paulo*, Mais! 15 de outubro 2000, p. 18.

CASATTI, Denise. **Viagem ao outro**: um estudo sobre o encontro entre jornalistas e fontes. Dissertação de Mestrado, São Paulo: ECA-USP, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 13ª edição, São Paulo: Ática, 2003.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **A medida do olhar**: objetividade e autoria. Tese de Doutorado, São Paulo: ECA-USP, 2004.

CONTRERA, Malena S. **O mito na mídia**: a presença de conteúdos arcaicos nos meios de comunicação. São Paulo: Annablume, 1996.

FARO, José Salvador. **Revista Realidade, 1966-1968**: tempo da reportagem na imprensa brasileira. Porto Alegre: Editora da Ulbra/AGE, 1999.

HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KUNSCH, Dimas A. **Maus pensamentos**: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2000.

KUNSCH, Dimas A. **Marina Silva**. São Paulo: Salesiana, 2001.

KUNSCH, Dimas A. **O Eixo da Incompreensão**: a guerra contra o Iraque nas revistas semanais brasileiras de informação. Tese de doutorado, São Paulo: ECA-USP, 2004.

KUNSCH, Dimas A. "Compreendo, ergo sum: epistemologia complexo-compreensiva e reportagem jornalística". *Communicare*, vol. 5, nº 1, 1º semestre 2005, pp. 43-54.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LEANDRO, Paulo Roberto & MEDINA, Cremilda de Araújo. **A arte de tecer o presente**: jornalismo interpretativo. São Paulo: Edição dos Autores, 1973.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, SP: Manole, 2004.

LIMA, Venício A. de. **Mídia: teoria e política**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**: compêndio de sociologia compreensiva. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. 3ª edição, Petrópolis: Vozes, 1998.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

MORIN, Edgar. **O problema epistemológico da complexidade**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1984.

MORIN, Edgar. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MORIN, Edgar. **Terra-pátria**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

MORIN, Edgar. **Os meus demônios**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1995.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MORIN, Edgar. **Sociologia**: a sociologia do microssocial ao macroplanetário. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1998.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª edição, São Paulo: Cortez, Brasília: Unesco, 2000.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 3ª edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. “Apontamentos para o estudo da narrativa”. *Comunicação & Educação* 23, jan./abr. 2002, pp. 49-56.

PENA, A. Gomes. **Introdução à epistemologia**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2000.

RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. 3ª edição, Petrópolis: Vozes, 1998.

ROUANET, Sérgio P. “A verdade e a ilusão do pós-moderno”. *Revista do Brasil*, Ano 2, n. 5/86, pp. 28-53.

ROUANET, Sérgio P. “A deusa Razão”. In: NOVAES, Adauto (org.), **A crise da razão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 285-299.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SERVA, Leão. **Jornalismo e desinformação**. 2ª edição, São Paulo: Editora Senac, 2001.